

THALYTA SOUSA COSTA

Licenciada em História | UNILA

Na fila do álcool em gel



Quando quase tudo para, algumas coisas ficam mais nítidas. As cores da casa, o lugar dos móveis, os cheiros que entram pela janela junto com o vento, as raras vozes de quem passa pela rua vazia, tudo se transforma em um sinal de mudança, em uma reflexão sobre o que está a operar e o que virá em breve.

Há um pequeno bichinho, um bichinho microscópico, que tem viajado em corpos pelo mundo inteiro. Muito pequeno, mas nos fez pensar em tudo de uma maneira mais intensa, pois apesar de seu tamanho ele nos fragiliza, torna a nossa vida mais vulnerável, mostra o quão pequenos também somos. O "bichinho" é uma pandemia que obrigou o mundo quase inteiro a desacelerar o passo. O "bichinho" fez todo mundo ter que ficar em casa. No entanto, algumas pessoas não podem ficar em casa porque não podem parar de trabalhar, algumas pessoas não tem casa, outras tem, mas vivem sob a incessante ameaça de serem agredidas por seus parceiros. O "bichinho" nos deixou vulneráveis.

Mas, e para aqueles que já eram vulneráveis? Vi nas notícias que em alguns lugares do Brasil o número de denúncias de violência contra a mulher cresceu, em alguns casos, dobrou. Enquanto mulher, penso o quanto toda esta situação nos põe de cara com realidades tão cruéis. A pandemia intensificou o sofrimento e a precariedade da vida das pessoas mais fragilizadas dentro de um mundo sistema capitalista cada dia mais especialista em produzir desigualdades sociais. Em especialista em produzir desigualdades sociais. Em meio ao pânico, às notícias desanimadoras, ao caos político, econômico e social, um bilhete no elevador de algum prédio do Brasil diz: "Querida vizinha, se precisar de ajuda

corra pra cá (APT 602). Você não está sozinha! Pode gritar, pode pedir socorro, a gente abre a porta pra você. Ligue 180, violência contra mulher é crime". A vizinha que escreveu esse bilhete sabe que, por algum motivo, mulheres tinham medo de sair de casa, mesmo antes de um vírus ameaçador chegar na sua cidade. Ela sabe que, para as mulheres, a rua e o lar podem ser perigosos. O cantor e compositor brasileiro Chico César fez uma canção chamada "Na fila do álcool em gel". Aproveito a deixa para perguntar "quem é você na fila do álcool em gel?" Será aquele moço que mora só, mas encheu o carrinho sem pensar nos outros? Será aquela mãe com cinco filhos que só tem pra comprar um? Será o tio do *Whatsapp* que tá comprando pra se prevenir de uma "gripezinha"? No mais triste dos casos, será o morador de rua que pergunta "por que tá todo mundo de máscara?".

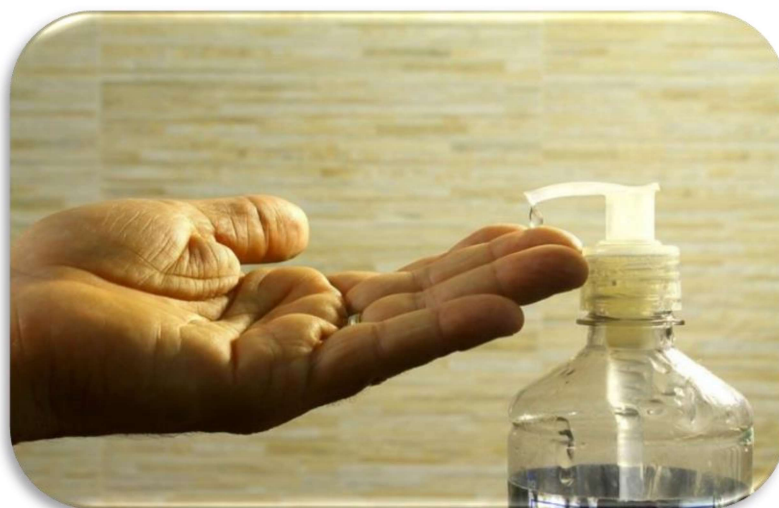


Foto: Adriano Gadini | Pixabay⁶

⁶ Tomado de: www.diariodepernambuco.com.br